

O ARCAICO DO CONTEMPORÂNEO: MEDUSA E O MITO DA MULHER^{1 2}

THE ARCHAIC OF THE CONTEMPORARY: MEDUSA AND THE MYTH OF WOMAN

Luiza Helena Hilgert³

Resumo:

O presente artigo tem como objetivo propor que a história de Medusa e Perseu foi utilizada para compor e reforçar uma visão hegemônica do mundo, dos sexos e dos gêneros. Apresento, brevemente, algumas imagens e excertos dos mitos; em seguida, demonstro minha hipótese de que a objetificação da Medusa aconteceu de duas formas, que eu chamei de mito da monstruosidade e mito da beleza. Na sequência, desenvolvo, a partir de excertos teóricos, os papéis dos mitos na construção da subjetividade e do lugar da mulher na concepção de Simone de Beauvoir. Depois, procuro aproximar alguns acontecimentos comuns do mito da Medusa com o que se passa nos dias de hoje: cultura do estupro, rivalidade feminina, isolamento das vítimas de violência, gravidez do estupro, silenciamento. Por fim, proponho a reconsideração, o deslocamento e a subversão da interpretação dos personagens de Medusa e de Perseu sob um olhar descolonizado e desmasculinizado.

Palavras-chave:

Medusa. Mito. Mulher.

Abstract:

This article aims to propose that the history of Medusa and Perseus was used to compose and reinforce a hegemonic view of the world, of sexes and genders. I briefly present some images and fragments from the myths, then I demonstrate my hypothesis, that the objectification of Medusa happened in two ways that I called the myth of monstrosity and the myth of beauty. In sequence, I analyze the roles of myths in the construction of subjectivity and the place of women in Simone de Beauvoir's conception, based on theoretical excerpts. Then, I try to bring some common events of the myth closer to what happens today: rape culture, female rivalry, isolation of victims of violence, pregnancy due to rape, silencing. Finally, I propose to reconsider and subvert the interpretation of the characters of Medusa and Perseus under a decolonized and demasculinized point of view.

Keywords:

Medusa. Myth. Woman.

¹ Artigo recebido em 17/11/2020.

² Agradecimentos especiais à Vitória Hilgert Tomasel e ao Ricardo R. Rodrigues pela gentileza da leitura do meu texto.

³ Pós-Doutoranda em Filosofia (UFSCar/FAPESP). Endereço de e-mail: luizahilgert@hotmail.com.

1 Introdução

Para Vitória Hilgert Tomasel

I saw you once, Medusa; we were alone.
I looked you straight in the cold eye, cold.
I was not punished, was not turned to stone—
How to believe the legends I am told?

May Sarton

Muito generosamente, fui convidada a contribuir com o número inaugural da *Lâmpião* – Revista de Filosofia, o novíssimo periódico do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Alagoas e, para tornar a distinção ainda mais louvável, esta publicação será exclusivamente composta por mulheres. E eu vou me aproveitar desta condição muito honrosa e realizar algo que considero bastante louvável quando empreendido por outras e outros colegas pesquisadores de filosofia; além de muito desafiador porque não é o que normalmente fazemos na pesquisa em filosofia no Brasil. A tarefa que pretendo realizar é a de apresentar um texto de caráter um pouco mais ensaístico, se comparado ao que habitualmente produzo. Essa permissão por mim mesma outorgada será conduzida na esteira da perspectiva da filosofia existencialista de Simone de Beauvoir, arriscando-me a expressar um ponto de vista que ainda se encontra na condição de *work in progress*, o que significa dizer que a reflexão aqui empreendida permanece um pouco incipiente. A iniciativa a que me disponho a levar a cabo como parte da minha colaboração de estreia à *Lâmpião* é a de estudar as construções ligadas à temática de gênero a partir do mito de Medusa e Perseu e avaliar se uma leitura menos creditada às tradições eurocêntricas e masculinas poderia fomentar outras interpretações do mito.

A metodologia e a base teórica do presente texto se assentam no que é exposto em *O segundo sexo*, sobretudo no primeiro volume, ainda que Simone de Beauvoir não elabore uma análise do mito de Medusa e Perseu. Parto dos pressupostos teórico-metodológicos ali desenvolvidos, contudo, as condições objetivas do presente artigo me impedem de explicitá-los de forma aprofundada, então, me permito apenas explicar de maneira breve e rápida alguns conceitos mais elementares e me deter um pouco mais nos mais específicos e fundamentais para as análises que me disponho a conduzir aqui. Se outras incursões na filosofia mais basilar de Simone de Beauvoir se fizerem necessárias ao leitor e à leitora, recomendo o retorno à obra de Beauvoir disponível na rede e às obras de

pesquisadoras e pesquisadores⁴.

A História da Humanidade, com seus saberes e conhecimentos, resulta de processos interpretativos de mitos e fatos cuja apropriação acerca do sentido pertenceu, exclusivamente, aos homens por ocuparem, desde sempre, os lugares proeminentes da História. Podemos propor, então, a importância e a relevância teóricas da realização de um novo estudo sobre os significados e os sentidos desses mitos e fatos que engendraram e determinaram o curso dos acontecimentos, com o objetivo de rastrear as origens do imaginário contemporâneo a partir dos personagens mitológicos que o compuseram. De maneira muito peculiar, a personagem escolhida para iniciar o estudo dos mitos e fatos tem como motivação a pura arbitrariedade do meu gosto e interesse particulares, além da curiosidade despertada em razão da permanência em assombrar o imaginário cultural desde a Antiguidade até hoje, tanto nas esferas artísticas e acadêmicas, quanto no universo pop e *mainstream*. A proposta de repensar Medusa, todavia, não é nova e nem original: várias escritoras, pensadoras, comentadoras, filósofas, intelectuais e feministas contemporâneas já se ocuparam em revisitar e ressignificar o mito de Medusa. O que pretendo desenvolver nesta seara filosófica não passa de mais uma modesta investida.

O caminho a ser percorrido se inicia na breve apresentação de algumas narrativas histórico-mitológicas sobre Medusa e Perseu, de algumas imagens e representações pictóricas da Górgona e do sentido contemporâneo que a simbologia envolvendo a Medusa firmou sobre a tradição cultural. O objetivo é comparar as alterações e mudanças de sentido nos diferentes momentos temporais entre o Arcaico, o Antigo e o Contemporâneo. Minha hipótese de interpretação é que a objetificação da mulher passou da noção essencializada de natureza feminina para a determinação pela aparência física de apelo sexual. Chamo esses dois momentos de mito da monstruosidade e de mito da beleza. Em seguida, recupero excertos teóricos sobre os papéis dos mitos na construção da subjetividade e do lugar da mulher na concepção de Simone de Beauvoir, tal como a autora desenvolve em *O segundo sexo*. Veremos, então, a explicação de Beauvoir sobre como a narrativa predominantemente masculina e europeia constituiu a interpretação hegemônica sobre os sexos e os gêneros. Na sequência, procuro demonstrar do que aconteceu com Medusa e que se repete na contemporaneidade, apesar de arcaico e antigo: cultura do estupro, rivalidade feminina, isolamento das vítimas de violência, silenciamento e culpabilização da vítima, gravidez decorrida do estupro, serão alguns dos temas abordados. Por fim, proponho a reconsideração, o deslocamento e a subversão da interpretação dos personagens de Medusa

4 Também recomendo o dossiê Simone de Beauvoir publicado pela *Ipseitas* (2019).

e de Perseu sob uma perspectiva existencialista, descolonizada e desmasculinizada.

Importante destacar que o objetivo deste estudo não é o de ressignificar Medusa e transformá-la em um novo ícone do feminismo, exaltando sua força ou outras características de resistência ao patriarcado e à supremacia masculina; tampouco, o de fazer um trabalho historiográfico acerca das variações do mito comparando-as entre diferentes autores e épocas, mas e antes de tudo, propor que a história de Medusa e Perseu faz parte de uma narrativa usada para compor e reforçar uma visão dominante do mundo, dos sexos e dos gêneros. Dito de outra forma, um dos propósitos principais do presente artigo é o de demonstrar como o fato – a cultura grega – colaborou para a criação de um mito – o do segundo sexo.

2 Medusa na História

As histórias sobre as três Górgonas irmãs que habitavam uma distante ilha aparecem contadas desde os tempos de Homero, que não as nomeia, mas se refere simplesmente às Górgonas, na *Ilíada* e também na *Odisseia*. Na *Teogonia*, Hesíodo oferece mais elementos e narra a origem de Medusa, a única mortal entre as irmãs Euriale e Esteno. Filhas de Fórcis e Ceto, elas são netas de Gaia e Oceano e fazem parte das divindades primordiais. Curiosamente, o destino de Medusa se assemelha ao de suas primas Quimera e Hidra, também descendentes dos deuses primordiais e associadas às figuras de víboras e serpentes, que foram, assim como Medusa, mortas por lendários heróis. Píndaro narra nos poemas *Píticos*, sobretudo no poema número XII, as terríveis lamúrias das Górgonas e os assobios das serpentes nas suas cabeças; atribui a invenção da flauta à vontade da deusa Atena de reproduzir os gritos lúgubres e desesperados bradados pela irmã Euriale quando da decapitação de Medusa. Também descreve Medusa como possuidora de *belas faces*, diferentemente das versões anteriores dos outros escritores que a caracterizam com adjetivos de monstruosidade e fealdade. É Ovídio, em *Metamorfoses*, já quase na era cristã, quem conta com mais detalhes os acontecimentos que acometem a Górgona desde seu nascimento, o estupro de Poseidon, a manipulada missão de Perseu para matá-la e carregar sua cabeça como presente de núpcias a Polidectes, o casamento de Perseu e Andrômeda no retorno do herói para sua casa e o emprego da face de Medusa no escudo de Atena. Uma das mais extensas – senão a maior de todas – narrativas do mito de Medusa e Perseu foi feita por Apolodoro; também considerada a versão mais confiável por ter sua fonte ligada ao mitógrafo Ferécides de Leros e indicações de que a sua versão existia desde

o século VII a.C.⁵.

Assim como várias pesquisadoras e interessadas nas narrativas da Medusa, segurei a reconstrução feita por Edith Hamilton (1940) a partir da junção de diferentes fontes greco-romanas. Não reproduzirei na íntegra em razão da extensão, todavia, relembro alguns dos principais acontecimentos para, em seguida, realizar as análises indicadas no início. Polidectes é o cruel rei da ilha de Sérifos, onde chegam Dana e seu filho Perseu. Polidectes se apaixona por Dana e ludibria Perseu para que ele se ofereça para a missão suicida de trazer a cabeça da Górgona como presente de casamento; a intenção real do rei era livrar-se de Perseu. O filho de Zeus parte, então, para Delfos consultar o Oráculo para descobrir como encontrar as irmãs Górgonas. A sacerdotisa orienta que viaje a Dodona, terra de cavalos falantes em que uma árvore falante o instruirá do caminho e do processo. Hermes e Atena o guardam e o auxiliam. Hermes diz a Perseu que siga até a terra das Mulheres Cinzentas, que compartilham o mesmo olho, porque elas sabem como chegar até a habitação das Ninfas do Norte. Hermes entrega a Perseu uma espada forjada por Hefesto e Atena o presenteia com um escudo brilhante dotado de um espelho que o ajudará a vencer Medusa. Perseu segue em direção ao Mundo das Sombras viajando sobre o Oceano e lá encontra as três Mulheres Cinzentas. Quando trocam o olho há um momento em que ficam cegas, é aí que Perseu rouba o olho unitário e as chantageia em troca da rota em direção ao Norte. É atrás do vento do Norte que habitam os hiperboreanos, um povo alegre que presenteia Perseu com o que lhe faltava para o sucesso da missão: uma capa da invisibilidade, uma sandália voadora e uma bolsa mágica. Perseu chega na gruta das Górgonas, Atena e Hermes apontam a única mortal dentre as irmãs e o herói decepa com um golpe a cabeça de Medusa, que dormia. De volta a Sérifos, Perseu encontra sua mãe escondida fugindo de Polidectes. O rei está furioso porque Dana recusa o pedido de casamento. No banquete que o rei ofertava aos convidados do casamento, Perseu tira da bolsa mágica a cabeça da Medusa e transforma Polidectes e os demais presentes em estátuas de pedra. Perseu nomeia Dictis, irmão de Polidectes e quem o criara desde que chegara a ilha com sua mãe, como rei da ilha de Sérifos.

As primeiras representações artísticas e pictográficas da Górgona são semelhantes às descrições literárias grotescas e assustadoras. Nas versões iniciais do mito, Medusa, que – como dito – pertence à geração pré-olimpiana dos deuses primordiais, é descrita como um híbrido com aspectos monstruosos, mas que, com o tempo, recebe feições femininas e sedutoras. É sobretudo essa ideia da Medusa bela e atraente que se cristalizou no

5 Cf. WILK (2000).

imaginário popular e permanece representada na cultura pop. As imagens abaixo fazem parte da exposição intitulada *Dangerous Beauty: Medusa in Classical Art*, organizada por Kiki Karoglou para o *Metropolitan Museum of Art*, de Nova Iorque. Gostaria que o leitor e a leitora observassem a mudança de visão dos artistas sobre a personagem da Medusa, que passa de monstruosa para cada vez mais humanizada e feminizada:



Imagem 1 – Obra assinada por Ergotimos como oleiro e Kleitias como pintor. Suporte com Górgona. Arte grega (Ática), arcaica, cerâmica de figura negra, ca. 570 a.C., Terracota. Altura: 5,7 cm, diâmetro: 9 cm. Fletcher Fund, 1931 (31.11.4).



Imagem 2 – Cabeça de Górgona. Didracma/Moeda de prata oriunda de Atenas. Ca 520 a.C. Coleção British Museum, Térreo, Sala 13, Geometric and Acharic Greece. © MARIE-LAN NGUYEN / WIKIMEDIA COMMONS, 2007.

A Medusa Arcaica é frequentemente representada de maneira grotesca e monstruosa, com grandes presas protuberantes, mãos de bronze e asas de ouro, pele escamada no estilo das serpentes e répteis, além das cobras e serpentes que ora circundam seu rosto, ora se transformam nos seus cabelos. Seu aspecto não-humano é bastante salientado por características bestiais e horrendas.

Já na Antiguidade, com as narrativas de Ovídio, Medusa é descrita como a mais bela das três irmãs, foi estuprada no templo de Atena por Poseidon, seus longos e belos cabelos foram transformados em cobras, seus olhos sedutores petrificavam aqueles que os admirassem, como punição conferida pela própria deusa Atena. Medusa se torna, na pena do poeta latino, uma vítima, no mínimo, triplamente supliciada: pela violação do deus Poseidon, pelo injusto castigo imputado por Atena e pelo assassinato cometido por Perseu por motivos fúteis e ignóbeis. Creio que podemos incluir um quarto martírio: Medusa estava grávida de Poseidon, carregava os filhos do estupro e, quando sua cabeça é decepada pelo herói da ilha de Sérifos, nasceram Pégaso e Crisaor. Os elementos acrescidos à narrativa por Ovídio fundamentariam uma reinterpretação da história de Perseu: de uma epopeia sobre um herói que vence e extirpa um monstro, a história poderia ser entendida como o assassinato de uma seguidora de Atena violentada e transformada num monstro como punição indigna. Gradativamente, a representação artística dos personagens do mito se vê alterada. A Medusa helênica e a romana são retratadas com feições humanas, harmoniosas, simétricas e elegantes, notadamente mais bonitas. O arqueólogo Adolf Furtwängler (apud KAROGLU, 2018) observou um modelo evolucionário nas representações artísticas da

Medusa: o Arcaico, o Médio e o Belo.



Imagem 3 -Fragmento de relevo com Aquiles carregando um escudo de Górgona. Arte grega (Ática), arcaica, ca. 600 a.C. Terracota, 42 x 25 x 3.7 cm. Samuel D. Lee Fund (42.11.13).



Imagem 4 – Estatueta de cavalo e cavaleiro. Obra cipriota, arte helenística, começo do 3º século a.C. Terracota, altura: 20.2 cm. The Cesnola Collection 1874-1876 (74.51.1784).

O escudo de Aquiles (Imagem 3) porta uma Medusa grotesca e terrível que ocupa quase toda a superfície, aterrorizante e assustadora. O escudo ao lado (Imagem 4) tem uma figura mais delicada, com traços humanos e femininos, denotando ao mesmo tempo a ideia de força e de beleza da Górgona. A comparação entre esses dois modelos é um exemplo da transformação da concepção de Medusa de monstro terrível para uma figura mais humana, mais feminizada. Progressivamente, a figura mitológica deixa de ser retratada como horrenda e passa a ser representada como bela, porém, as demais características da personagem associadas que a vinculam ao poder, ao medo, ao terror, e à maldade permanecem até os dias de hoje. As perguntas que poderíamos fazer, então, são o que significa continuarmos a associar uma figura mitológica feminina às características de sedução, poder e maldade e quais as consequências dessa mudança da interpretação do mito da monstruosidade e da beleza na construção da distinção entre os gêneros?

3 Medusa e os mitos da monstruosidade e da beleza

A hipótese que proponho para compreender o fenômeno da mudança na forma como Medusa foi retratada é a de que ambas são maneiras de oprimir e subjugar a mulher, mas se concretizam de maneiras distintas: pela monstruosidade e pela beleza. Como vimos, a Górgona era inicialmente retratada como uma figura monstruosa de feições grotescas e passa, gradativamente, a receber contornos humanos e femininos, mesmo angelicais. São delegados à Górgona, posteriormente, traços mais finos e belos, até que ela passa a ser representada, na iconografia mais recente, de maneira bastante feminina e sensual. Nos nossos dias, é frequente associá-la à ideia de *femme fatale* a ponto de ícones *fashionistas* e da cultura pop se identificarem à Medusa em campanhas publicitárias, como Rihanna, e a adotá-la como marca, como fez Gianni Versace. Não tenho elementos suficientes para formular uma justificativa com o necessário respaldo acerca dos fatores que provocaram ou contribuíram para a alteração da maneira de subjugar as mulheres de modo que em tempos longínquos o mote era pela via da monstruosidade e em algum determinado momento da nossa história foi substituído pela via da beleza.

Minha hipótese considera, com efeito, que à época em que as feições da Górgona possuíam grandes e afiados dentes de javali, lábios protuberantes, pele escamosa e o aspecto assustador da monstruosidade, as explicações sobre a ordem humana, sobre isto que nós somos, se assentavam muito mais em teorias que estabeleciam uma natureza humana imóvel e fixa que em séculos mais tarde. Explico melhor: a hipótese que levanto é que a representação da Medusa com uma natureza monstruosa se relaciona à subjugação da

mulher pela definição da sua essência a partir de uma concepção imutável e inferiorizada da sua natureza. A natureza da Medusa é a do monstro em oposição à natureza humana; Medusa não é humana, ela é de outro reino, do reino das criaturas grotescas e repugnantes. Não é exagero dizer que a essência feminina ou a natureza das mulheres foi vista várias vezes como de outro reino, de um tipo diferente da natureza dos homens.

Dos tempos da *Teogonia*, Hesíodo escreve que a ascendência de todas as mulheres remonta à Pandora, a enviada por Zeus para entregar a Prometeu a Caixa contendo todos os males da humanidade: “Dela descende a geração das femininas mulheres” (HESÍODO, 2009, p. 133). Assim como na mitologia cristã, segundo as mulheres descendem de Eva, enganada pela serpente para comer do fruto proibido que provocou a expulsão do paraíso, na mitologia grega, a ascendência das mulheres também é a razão da existência da fome, da miséria, da cólera, das pestes e de toda a gama de infortúnios que assola o mundo. Como herdeiras não só dos feitiços sedutores e da graça funesta de Pandora e de Eva, somos mensageiras do mal e portadoras dos encantos capazes de arruinar a humanidade.

Invocando Nancy Frazer, Beauvoir afirma: “Os homens fazem os deuses; as mulheres adoram-nos, diz Frazer. São eles que decidem se as divindades supremas devem ser femininas ou masculinas. O lugar da mulher na sociedade é sempre eles que estabelecem. Em nenhuma época ela impôs sua própria lei” (BEAUVOIR, 1970, p. 97-98). As histórias que compuseram o imaginário coletivo foram criadas e escritas pelos homens para explicar os mistérios que recobriam a figura deste *Outro* que eles não entendiam, que eles não se aproximavam para conhecer e que apreendiam, portanto, somente à distância. Do que lhes era desconhecido e misterioso surgiu o medo e, ao medo, foi associado o mal. Por meio dos mitos, os homens transformaram a mulher na responsável pela existência do fracasso próprio da condição humana. Simone de Beauvoir apontou esse processo em *O segundo sexo*:

Organizando a opressão da mulher, os legisladores têm medo dela. Das virtudes ambivalentes de que ela se revestia retém-se principalmente o aspecto nefasto: de sagrada, ela se torna impura. Eva entregue a Adão para ser sua companheira perde o gênero humano; quando querem vingar-se dos homens, os deuses pagãos inventam a mulher e é a primeira dessas criaturas, Pandora, que desencadeia todos os males de que sofre a humanidade. O Outro é a passividade em face da atividade, a diversidade que quebra a unidade, a matéria oposta à forma, a desordem que resiste à ordem. A mulher é, assim, votada ao Mal (BEAUVOIR, 1970, p. 101).

Não podemos esquecer que não foram somente os mitos e as religiões que atribuíram à mulher uma natureza impura, inferior e associada ao mal. Lastimavelmente, é preciso lembrar que a filosofia também se encarregou de justificar com teorias racionais e bem desenvolvidas a inferioridade feminina pela sua própria natureza por meio de grandes ideias e teorias. A filosofia de Platão, por exemplo, explica da seguinte maneira a constituição da alma e a existência dupla da natureza humana:

Fazendo-as [as almas] embarcar como num carro, mostrou-lhes a natureza do universo e deu-lhes a conhecer as leis que lhes estavam destinadas, a saber: a primeira gênese seria estabelecida como idêntica para todas, de modo a que nenhuma fosse depreciada por ele. Era obrigatório que, uma vez disseminadas pelos instrumentos do tempo adequados a cada uma, gerassem dos seres-vivos o que mais venerasse os deuses; e, por a natureza humana ser dupla, aquela espécie mais forte seria a que, posteriormente, se chamaria macho. [...] Aquele que viver bem durante o tempo que lhe cabe, regressará à morada do astro que lhe está associado, para aí ter uma vida feliz e conforme. Mas, se se extraviar, recairá sobre si a natureza de mulher na segunda geração⁶ [...] (PLATÃO, 2010, p. 118-119).

É que aqueles que nos constituíram tinham conhecimento de que um dia as mulheres e os outros animais selvagens seriam gerados a partir dos homens [...]. (PLATÃO, 2010, p. 182).

O *Timeu* é uma obra acerca da origem e da natureza do mundo e da natureza humana, como discursa Crítias ao apresentar o programa da discussão para Sócrates. Nesta teoria, a alma do mundo e a alma humana são feitas pelo Demiurgo. A primeira gênese da alma humana é criada diretamente pelas mãos do Demiurgo, conhece a natureza do universo e as leis, não sofre nenhuma depreciação e se concretiza como ser vivo na exclusiva figura do macho, ou seja, as mãos do deus artesão criador do mundo fez diretamente apenas uma alma: a dos homens. Aqueles homens que, tendo encerrado seu tempo terreno, viveram uma vida justa e adoraram os deuses, retornam à morada eterna numa vida feliz; aqueles outros homens que se perderam na vida – seja por injustiça, covardia ou não observarem a busca do bem, do belo e da verdade –, renascerão como mulheres na segunda geração. As mulheres são, portanto, segundo a explicação platônica, seres de constituição inferior moral e cognitiva pela sua própria natureza. A

⁶ Também: “Entre os que foram gerados machos, todos os que são cobardes e levaram a vida de forma injusta, de acordo com o discurso verosímil, renascem mulheres na segunda geração” (PLATÃO, 2010, p. 208).

inferioridade feminina repousa, assim, ontologicamente na constituição do seu ser *sendo* e lhe é impossível melhorar, aprender, aprimorar-se para alcançar algum tipo de evolução ou avanço. As mulheres são a *encarnação* em segunda geração daquelas almas que não tiveram uma vida justa e boa, o que as torna, portanto, seres de segunda categoria.

Na primeira forma de subjugar a mulher, a do mito da monstruosidade, as teorias que defendem uma natureza da mulher são praticamente unânimes na explicação da condição humana neste mundo Arcaico e Antigo, tanto pelos mitos e religiões quanto pela filosofia. A Medusa é representada de maneira monstruosa na mesma medida em que é atribuída à mulher uma essência díspar e inferior à do homem, como um ser de segunda classe, uma criatura assemelhada aos animais. O que proponho aqui como interpretação da Medusa-Monstro é que é em nome de uma concepção de natureza humana, que concebe a natureza da mulher como inferior à do homem e a subjuga por causa desta concepção ao aproximá-la dos animais selvagens, que a Górgona foi retratada com componentes bestiais e aspectos bárbaros, grotescos e animalescos.

A segunda forma de subjugar a mulher, a do mito da beleza, diz respeito a um momento na história antiga em que vários mitos acerca da natureza humana e da natureza da mulher, se não foram superados, ao menos sofriam de algum descrédito e dúvida, oportunizando outras explicações menos bestializadoras da condição humana. A beleza, a aparência elegante e sedutora se tornaram, gradativamente, mais importantes na definição da mulher, até determinarem primariamente a sua constituição. Isso não significou, todavia, que a mulher tenha deixado de ser oprimida e determinada segundo a visão masculina, mas passou a ser subjugada segundo um padrão estético, do qual nem Medusa escapou. Medusa é, cada vez mais nas representações artísticas da época antiga, descaracterizada da imagem com os dentes proeminentes e aspecto assustador. Vimos, nas imagens acima, seus traços serem humanizados e feminizados pouco a pouco: o rosto fica mais delicado, os cabelos de serpentes são harmoniosamente arrumados em um penteado equilibrado e bonito, os lábios e os olhos são suavizados, a pele é alva e o corpo esguio. Se, antes, a subjugação acontecia por conta da concepção de natureza inferior e monstruosa da mulher e da Medusa; agora, acontece pela determinação da mulher e da Medusa como objeto de desejo e de conquista. Desde sempre, a mulher “não é senão o que o homem decide que seja; daí dizer-se o ‘sexo’ para dizer que ela se apresenta diante do macho como um ser sexuado: para ele, a fêmea é sexo, logo ela o é absolutamente” (BEAUVOIR, 1970, p. 10).

A aparência física de apelo sexual determinou a maneira de subjugar a mulher e, como tal, a mulher bela que inspira desejos é também culpada e incriminada por ser desta

maneira; no fim das contas, ela é punida por ser atraente. Medusa foi punida por Atena e transformada em monstro, isolada para sempre numa gruta, condenada a petrificar todo aquele que voltasse seus interesses para ela. Independentemente de seus pensamentos e desejos, a mulher atraente é incriminada por inspirar sentimentos nos homens. É o que observa Beauvoir:

Ela é infiel para além mesmo de seus desejos, seus pensamentos, sua consciência; pelo fato de ser encarada como objeto está entregue a toda subjetividade que resolve apossar-se dela; encerrada no harém, escondida sob véus, nem assim se tem certeza de que não inspire desejos a ninguém: inspirar desejo a um estranho já é estar em falta com o esposo e com a sociedade. [...] vê-se nas lendas que a mulher, sem motivo, pode ser suspeita, condenada à menor desconfiança, como Geneviève de Brabant ou Desdêmona; antes mesmo de qualquer suspeita Grisélidis é submetida às mais duras provas. Esse conto seria absurdo se a mulher de antemão não fosse suspeita; não há necessidade de demonstrar suas culpas: a ela é que cabe provar sua inocência (BEAUVOIR, 1970, p. 234).

Parece não haver maneira de escapar dos resultados injustos e cruéis da opressão e objetificação. E de fato não haverá enquanto permanecermos sob o jugo dos sistemas alienantes que excluem metade da população. A máxima do feminismo beauvoiriano: *Não se nasce mulher, torna-se*, indica que não se nasce mulher; todavia, se nasce fêmea. Quando nasce *uma* bebê do sexo feminino, diz-se que nasceu uma menina. Mas o que esse alguém se torna? Nascer menina implica que essa pessoa irá, desde a infância, incorporar uma condição social e uma condição humana definida pelos mitos, biologia, história, cultura, literatura, religião, psicologia, política, filosofia, etc. Essa pessoa tornar-se-á alguma outra coisa em razão de dados e especificações que são baseados em mitos. Esses mitos foram criados ao longo da História da Humanidade, geralmente ou totalmente, por homens. O que esse alguém se tornará, portanto, é uma condição cuja formulação coloca as mulheres em um lugar secundário, no lugar de Outro e não de Sujeito, como imanente e não transcendente, vassala e raramente senhora de seu próprio destino. Não podemos deixar de observar que vários mitos já foram superados e que a condição da mulher hoje é melhor em diversos aspectos que se comparada com décadas passadas. Alguns caminhos foram abertos e disso não temos dúvidas, contudo, há mais para fazer que para comemorar.

As representações contemporâneas da Medusa alcançaram praticamente todas as áreas da atuação humana e assumiram diferentes simbologias. Na psicanálise, Sigmund Freud interpretou a decapitação da Medusa como a representação da castração; na literatura, escritoras feministas a leram como ícone da resistência feminista; nas artes,

filmes, músicas, quadrinhos e praticamente toda a cultura pop a abraçaram e a usaram de diversas formas e com diferentes significados.

Elizabeth Johnston, em artigo de 2016 para *The Atlantic*, observa que a Medusa continua um ícone muito potente para atacar lideranças femininas e propõe o exercício de procurar no *Google imagens* o nome de uma mulher famosa e ao lado escrever a palavra Medusa. Eu fiz o experimento com os nomes: Madonna, Angela Merkel, Hillary Clinton⁷ e Dilma Rousseff, o resultado é que todas essas mulheres famosas e influentes tiveram sua imagem alterada de alguma maneira para assemelharem-se à Medusa, seja pela expressão horrenda e monstruosa, seja por terem a cabeça decepada. A autora pergunta, em seguida, como poderíamos entender a simbologia de mulheres influentes nas suas variadas áreas e ocupações terem a sua imagem associada à Medusa decapitada ou à Medusa com olhos petrificantes? A resposta parece bastante evidente. São mulheres ocupando territórios masculinos, lugares e funções que não lhes pertencem por direito segundo a visão patriarcal e machista do Ocidente. Representá-las como Medusas demonstra como a nossa sociedade ainda vê mulheres poderosas como perigosas e monstruosas, além do desejo masculino de lhes cortarem a cabeça para que sejam, mesmo que metaforicamente, silenciadas. É o que, dentre outras coisas, afirma Johnston⁸.

Pelas tentativas de superação da condição de segundo sexo, de opressão pelo gênero, de superação da imanência provocada pela condição de Outro, essas mulheres de destaque e de papel proeminente têm sua realidade de gênero oprimido manifestado de modo mais evidente. A realização dos possíveis que aparecem diante de cada uma dessas mulheres poderia provocar eventos capazes de alterar a ordem social do mundo, contudo, ao mesmo tempo em que nos dirigimos para suplantar os limites objetivos e subjetivos impostos, a condição que nos relegou ao segundo plano se presentifica a cada vez novamente. O gênero feminino é, dessa forma, a objetivação e as contradições nele e por ele vividas que manifestam, refletem e testemunham a *alienação de gênero*. Em poucas palavras, a ideia é que a alienação de gênero afeta a todos de alguma forma, homens e mulheres, binários e não-binários, cis e trans, fazendo com que o indivíduo tenha a concepção subjetiva e a vivência do seu gênero de modo alterado e experiencie psicologicamente essas consequências. Há um gênero que se percebe de maneira alienada como o *Sujeito absoluto*, superior e acima de todos os outros. Há outro gênero que, por sua vez, se percebe de maneira alienada como *Outro, como inferior*. Neste meio social

⁷ O caso de Hillary Clinton é o que dá origem ao artigo de jornal a que me refiro. Conf. Johnston (2016).

⁸ Recomendo muito a leitura completa do seu artigo de jornal.

alienado, há uma tensão permanente entre a tessitura da sociedade patriarcal e alienada e, ao mesmo tempo, na estrutura fundamental que permitirá qualquer mudança porque é esta mesma sociedade com esta mesma estrutura fundamental que reproduz os mitos alienantes. Compreender como os mitos contribuíram para chegarmos até aqui se torna, com efeito, uma tarefa importante se nos interessarmos em desconstruí-los.

4 O papel dos mitos na construção dos fatos

Simone de Beauvoir nos mostra, em *O segundo sexo*, como os elementos basilares da História da Humanidade, a saber, as ciências, a filosofia, as religiões, a política, a economia e a literatura, determinaram a constituição da mulher como o *segundo sexo por meio de* explicações envoltas em lendas, preconceitos e *mitos* que se consolidaram historicamente como *fatos*. As diversificadas considerações acerca do que é a mulher e da sua constituição – tanto de temperamento e índole, quanto de uma possível *natureza* –, se, variam conforme o método, aparentam-se, nas suas fantasiosas diferenças, por criarem uma figura essencializada acerca da mulher que dificilmente a beneficia, mas que certamente a limita. Na vida cotidiana, a construção desses mitos afeta os costumes e as condutas individuais de homens e mulheres, porque cada um dos mitos criados encerra a mulher num resumo que se pretende único. Como consequência, há um número múltiplo de mitos incompatíveis com ideias variadas sobre o feminino e a feminilidade que pretendem encerrar a mulher nas suas verdades. O que todos guardam de comum é que definem a mulher não a partir dela mesma, mas tomando a si próprios – os narradores – como ponto de partida, transformando-se a si mesmos Sujeitos absolutos e colocando a mulher, como consequência, no lugar de Outro absoluto:

Ora, o que define de maneira singular a situação da mulher é que, sendo, como todo ser humano, uma liberdade autônoma, descobre-se e escolhe-se num mundo em que os homens lhe impõem a condição do Outro. Pretende-se torná-la objeto, votá-la à imanência, porquanto sua transcendência será perpetuamente transcendida por outra consciência essencial e soberana. O drama da mulher é esse conflito entre a reivindicação fundamental de todo sujeito que se põe sempre como o essencial e as exigências de uma situação que a constitui como inessencial (BEAUVOIR, 1970, p. 23).

Ontologicamente, a condição humana é a mesma, obviamente, para homens e mulheres, a saber, a de ser uma liberdade autônoma. Historicamente, a situação concreta

das mulheres e dos homens, contudo, é muito diferente e isso muda tudo. Ao longo da História da Humanidade, os homens impuseram, pela força das suas explicações e das suas ações, a condição de Outro às mulheres e, em razão dessa determinação histórica, a condição concreta desse sujeito cuja transcendência é transcendida por uma consciência que se fez Absoluta sofre as imposições daí resultantes. Beauvoir afirma que *o mundo é dos machos*, o que não significa que o mundo pertença exclusivamente aos homens, mas que o homem é o Sujeito (com letra maiúscula mesmo), a consciência essencial e absoluta, que determinou toda a outra categoria, a das mulheres, como o Outro, como inessencial, como secundário porque foi constituído como tal ao diferenciar-se do homem. Em resumo, Beauvoir esclarece que há o Um e o Outro, o Sujeito e o Outro, para quem cabe a condição assinalada de *segundo sexo*.

Extremamente fundamental observar que a condição de segundo sexo é determinada pela situação concreta, o que significa que não é necessária, mas contingente. O problema identificado por Beauvoir está, sobretudo, na discrepância entre a condição fundamental do sujeito-mulher que se posiciona como consciência essencial e como transcendência numa situação que a constitui como imanência, como inessencial. É claro que ambos pertencem à mesma categoria de *ser humano* e, como tal, cada qual se constitui de maneira singular e particular. Quando Beauvoir se refere a *o homem*, a autora não fala de *um* homem, ou *este* homem singular e específico, mas enquanto categoria que possui ao longo da História da Humanidade as chaves de interpretação, explicação e constituição do mundo e de todos os sujeitos. Quero dizer com isso que a condição da mulher como segundo sexo está assentada sobre as bases de *uma* concepção de mundo singular que se alçou por conta própria à universalização, ao absoluto⁹.

Beauvoir desenvolve um valoroso trabalho demonstrando como as explicações sobre o mundo, as interpretações acerca do bem e o do mal, do certo e do errado representam a perspectiva masculina e europeia. Considero uma das grandes contribuições teóricas oportunizadas por Beauvoir, a tomada de consciência de que a filosofia canônica é enraizada em uma perspectiva individual e singular, mas que, equivocadamente, se tornou a maneira universal de pensar a realidade, as relações intersubjetivas e as definições de Homem e Mulher. Essa generalização foi tamanha que chegou ao ponto de Homem ter se tornado equivalente à e sinônimo de Humanidade. As narrativas do mundo e seu sentido se transformaram na hegemônica concepção natural não só do mundo, mas também dos

⁹ Desenvolvi algumas observações em defesa do feminismo como uma teoria filosófica que procura superar a perspectiva particular e singular com a qual a História da Filosofia foi majoritariamente construída no artigo *O feminismo é um humanismo: estamos ainda na era do humanismo?* (HILGERT, 2019).

sujeitos e, aí incluído, da mulher: “A representação do mundo, como o próprio mundo, é operação dos homens; eles o descrevem do ponto de vista que lhes é peculiar e que confundem com a verdade absoluta” (BEAUVOIR, 1970, p. 183). A mulher nunca foi, ao longo do curso da História, Sujeito Absoluto que se descreve e se pensa a partir de si mesma. As respostas à pergunta *O que é a mulher?* foram dadas exclusivamente pelos homens unicamente a partir das suas perspectivas.

Dentre os componentes da história do homem, a mitologia e as religiões figuraram como protagonistas durante vários séculos de explicação do mundo e, ainda hoje, várias de suas personagens estão presentes na sociedade contemporânea. As figuras femininas das religiões e das mitologias greco-romanas têm papel importante na construção do que se formou no imaginário como o feminino, mas não podemos esquecer que todas foram invenções masculinas: “As religiões forjadas pelos homens refletem essa vontade de domínio: buscaram argumentos nas lendas de Eva, de Pandora, puseram a filosofia e a teologia a serviço de seus desígnios [...]” (BEAUVOIR, 21970, p. 16). Considero fundamental, da minha parte, incluir a história da Medusa na lista de Beauvoir sobre as construções religiosas e mitológicas da propagação da constituição da mulher.

Por outro lado, a mulher, mantida na imanência, não teve oportunidade de criar mitos de virilidade que manifestasse seus desejos, receios e projetos, daí que as figuras temidas e adoradas foram criadas pelos homens:

Todo mito implica um sujeito que projeta suas esperanças e seus temores num céu transcendente. As mulheres, não se colocando como sujeito, não criaram um mito viril em que se refletissem seus projetos; elas não possuem nem religião nem poesia que lhes pertençam exclusivamente: é ainda através dos sonhos dos homens que elas sonham. Estes forjaram para sua própria exaltação as grandes figuras viris: Hércules, Prometeu, Parsifal; no destino desses heróis a mulher tem apenas um papel secundário (BEAUVOIR, 1970, p.182).

Como consequência do aprisionamento na imanência e da ausência de mitos, religiões, filosofias e poesias criadas pelas mulheres a partir de si mesmas, a transcendência foi transcendida pela consciência masculina e as mulheres foram feitas aquilo que o homem fez delas. O lugar da mulher, transcendência transcendida pela consciência masculina, é o da tensão, uma vez que o mundo transforma a mulher em objeto ainda que ela seja sujeito. Para Beauvoir, a situação da mulher é bastante singular, justamente por essa ambiguidade da sua condição:

Ora, o que define de maneira singular a situação da mulher é que, sen-

do, como todo ser humano, uma liberdade autônoma, descobre-se e escolhe-se num mundo em que os homens lhe impõem a condição do Outro. Pretende-se torná-la objeto, votá-la à imanência, porquanto sua transcendência será perpetuamente transcendida por outra consciência essencial e soberana (BEAUVOIR, 1970, p. 22-23).

Assim como outras personagens femininas e monstruosas da Antiguidade, a história da Medusa chega até nós sem que ela seja protagonista, mas apenas coadjuvante da narrativa alheia. O que tenho chamado aqui de mito da Medusa não existe, o que sabemos sobre ela é, na verdade, a história de Perseu. A figura de Perseu encarna muito bem o pensamento colonizador, masculino e europeu, no qual a Medusa representa o Outro, este Grande Outro, o Outro Absoluto. A Medusa, por sua vez, pode ser associada à mulher, que guarda semelhanças com os outros *Outros* em relação ao Sujeito Absoluto¹⁰, o homem, e que pode simbolizar tanto países e culturas não-europeus, bem como todo indivíduo que não é o Homem. A figura da Medusa pode ser lida sob diferentes signos – como falamos há pouco –, desde o entendimento de que a mulher representa perigo, é uma criatura misteriosa e sorrateira, astuta e artilosa como uma serpente aguardando para dar o bote, que seduz e ludibria os homens com seus encantos desconhecidos e mordazes. Medusa é o protótipo da *femme fatale*, da mulher detentora do poder e, por isso, monstruosa, dista do submisso e da docilidade.

De fato, analisar um mito da Antiguidade e querer aproximá-lo da contemporaneidade não é tarefa simples, afinal, o tempo transcorrido, as contradições a ele inerentes, seu caráter fugidio e alegórico, não nos permitem captá-lo de maneira objetiva. É justamente o que podemos apreender do mito em razão dessas características que devemos nos atentar, isto é, a unidade de sentido que se mantém desde o início até os dias atuais: somos retratadas em Pandora, Eva, Lilith, Dalila, Virgem Maria, mas também em Atena, Hera, Madalena, Medeia e Cassandra. No imaginário masculino, a mulher é uma e todas ao mesmo tempo: “É um ídolo, uma serva, a fonte da vida, uma força das trevas; é o silêncio elementar da verdade, é artifício, tagarelice e mentira; a que cura e a que enfeita; é a presa do homem e sua perda, é tudo o que ele quer ter, sua negação e sua razão de ser” (BEAUVOIR, 1970, p. 183). O mito da mulher é uma experiência circular porque todas as mulheres que existiram, desde as mais primitivas e antigas mitologias, até a existência hodierna se realizam na forma da categoria de *Outro*.

10 A referência é à conhecida e fundamental passagem de *O segundo sexo*: “A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro” (BEAUVOIR, 1970, p. 10).

Os mitos têm função fundamental na criação de arquétipos e modelos de como agir e do que esperar, iluminam os sonhos, determinam o lugar da mulher e do homem. Agora, se todos – ou, pelo menos, os principais – mitos constitutivos da compreensão dos sujeitos, do lugar, do carácter e das definições dos homens e mulheres são criados a partir e exclusivamente da visada singular e individual masculina, então, há uma categoria que não foi jamais representada de modo adequado. O imaginário coletivo e individual vem sofrendo uma alienação milenar cuja origem coincide com a origem da civilização. É um tipo de alienação de gênero que faz com que um dos gêneros esteja apartado da sua verdadeira condição singular e se tome como o gênero universal, além de entender-se como um tipo de ser superior, ao passo que há outro tipo de indivíduo que vivencia a própria existência como do tipo de segunda linha em razão exclusivamente do seu gênero, coisa que lhe é constituída de fora. Afinal, vimos com Beauvoir que *não se nasce mulher, torna-se*. Há vários mitos do que seja a mulher e o feminino, mas nenhum deles incentiva e estimula a liberdade da mulher e a sua autonomia como sujeito que transcende a imanência:

[...] a mulher foi-nos apresentada como *carne*; a carne do homem é engendrada pelo ventre materno e recriada nos amplexos da amante; por esse aspecto a mulher apresenta-se à *Natureza*, encarna-a: animal, vale de sangue, rosa desabrochada, sereia, curva de uma colina, ela dá ao homem o humo, a seiva, a beleza sensível e a alma do mundo; ela pode possuir as chaves da *poesia*; pode ser *mediadora* entre este mundo e o além: graça ou pítia, estrela ou feiticeira, abre a porta do sobrenatural, do supra-real; está votada à *imanência*; e com sua passividade distribui a paz, a harmonia, mas, se recusa esse papel, ei-la fêmea de louva-a-deus, mulher de ogro. Em todo caso, ela se apresenta como o *Outro privilegiado* através do qual o sujeito se realiza: uma das medidas do homem, seu equilíbrio, salvação, aventura e felicidade. (BEAUVOIR, 1967, p. 294).

Medusa, assim como as mulheres, não se reivindica sujeito, não se revolta contra seu destino, mas aceita-o “porque não possui os meios concretos para tanto, porque sente o laço necessário que a prende ao homem sem reclamar a reciprocidade dele, e porque, muitas vezes, se compraz no seu papel de *Outro*” (BEAUVOIR, 1970, p. 15). As teorias do sujeito foram construídas pelos homens e às mulheres não coube muito mais que submeterem-se, só que elas não perceberam que, ao fazê-lo, renunciaram transcender à imanência. Sem se posicionarem como sujeitos, recusaram formar uma relação específica com o imaginário e, como consequência, não criaram discursos, mitos e narrativas próprios. Como resultado, as mulheres adoram e temem os deuses e os fantasmas inventados pelos homens, espelham-se e distanciam-se, recusam e se definem por meio

de modelos e personagens fictícios das histórias masculinas. Em resumo, nos sujeitamos à objetificação no discurso criado por outrem.

Os mitos e as epopeias constituem uma forma de discurso-controle dentre as variadas formas de instituir o pensamento sobre os mais diferentes temas e campos ideológicos; dentre os quais analisamos as concepções de gênero, com os seus determinados papéis, determinados lugares, características e comportamentos atribuídos aos homens e às mulheres. Esse indivíduo, que é determinado como mulher introjeta os lugares-comuns condicionados culturalmente ao seu gênero e os reproduz por gerações, sendo ensinado e ensinando as gerações futuras de modo a manter, forçosamente, a linhagem das condutas aprendidas, apesar das suas idiosincrasias. Se a inferioridade e a submissão das mulheres aos homens fosse algo da ordem do natural, e não uma imposição cultural resultado de um processo histórico engendrado por diferentes e complementares linhas de frente, não haveria um sem-número de lembretes e discursos diários exigindo, orientando, determinando e buscando convencer as mulheres a se submeterem, pois aquilo que é natural não precisa de prescrição para seguir seu curso. Esse conjunto variado e bem orquestrado de ideologias nocivas às mulheres só tem lugar porque a doutrinação exige constante reforço para manter-se viva e operante.

Na construção da subjetividade, as marcas da construção histórica dos estereótipos e papéis de gênero são impostos de modo que é praticamente impossível distinguir o que expressamos porque aprendemos e se tornou uma realidade quase inquestionável, daquilo que é manifestação autêntica, original e genuína do que nós somos. Recuperar o mito de Medusa e Perseu com vistas a compreender como a apropriação desta história contribuiu, por sua vez, para reforçar o mito da mulher, nos coloca de frente com os mecanismos de controle e violência canonizados no processo de construção da tradição ocidental. Ainda assim, os episódios de violência sofridas por Medusa continuam existindo na contemporaneidade. O imaginário coletivo reproduz os mitos reguladores dos comportamentos e ações humanas e detém o poder de, tanto autorizar quanto legitimar, por meio dos discursos e das narrativas, os processos de socialização e condicionar os lugares dos indivíduos por meio das suas representações simbólicas.

O que eu desejaria ter mostrado até aqui, ainda que de maneira breve e mesmo superficial – afinal, a exatidão da história de Medusa e Perseu ultrapassa os limites e os objetivos deste artigo – é como a construção da imagem da Medusa segue um princípio semelhante à constituição da mulher como segundo sexo: foi feita vilã segundo a determinação masculina e europeia na mesma medida em que Perseu foi feito herói por representar a perspectiva que seus autores tinham sobre si. É importante pensarmos que se

os acontecimentos fossem narrados por Medusa, ou pelos povos por onde passou Perseu, é bastante provável que o filho de Zeus figuraria como o vilão invasor, assassino e cruel que destrói, engana, saqueia e mata povos pacíficos e pessoas inocentes por motivos torpes e fúteis. Chamo o que foi feito com a figura da Medusa de *constituição perseica*: espécie de inversão dos valores de vilão e herói em razão deste aviltamento da liberdade, da imagem, da subjetividade e da história de um indivíduo. No caso da história aqui escolhida, a constituição perseica determinou a visão que se formou sobre o que aconteceu com a irmã mortal das três Górgonas. Os narradores gregos e romanos, bem como a apropriação contemporânea como simbologia, engendraram um tipo de conversão, de transformação, que sobrepujou as características e qualidades próprias deste indivíduo, a Medusa, de modo a objetificá-lo a ponto de alienar a sua condição. O mesmo tipo de degradação é visto, com efeito, no caso das mulheres. Se o sujeito somente exerce a sua liberdade colocando projetos para si e criando os mitos que representam a superação da imanência, as mulheres têm a sua situação aviltada porque não lhes foi concedida outra condição que a de Outro. O que se passa com as mulheres e com Medusa é uma e a mesma coisa.

É claro que essas observações podem não passar de elucubrações que não encontrarão solo fértil para seu desenvolvimento. Minha proposta é bastante modesta no sentido de não desejar muito mais que instigar a curiosidade da reflexão para algumas semelhanças que ainda hoje, tantos séculos depois, a condição da mulher guarda com a história de Medusa. Como dito no início, não tentarei reivindicar Medusa como um ícone do movimento feminista, ou um exemplo, seja de resignação, seja de resistência. Minhas intenções se orientam para desvelar Perseu na sua vilania e propor que esta vilania foi chamada de heroica pelos seus narradores porque se fundamentou numa concepção de mundo e de sujeitos da qual nós somos fruto e resultado. Além disso, desejo comparar a condição da opressão atual da mulher com algumas características elementares presentes também no que se passou com Medusa. São esses, principalmente, os seguintes: cultura do estupro, culpabilização da vítima, rivalidade feminina, punição social da vítima de crime sexual, reclusão e exclusão das vítimas, silenciamento das vítimas, gravidez decorrente do estupro. A esse movimento chamei de *contemporâneo do arcaico*.

5 O contemporâneo do arcaico ou o arcaico do contemporâneo

A história canônica de Medusa e Perseu pode ser pensada sob uma outra perspectiva, não a do vencedor que invade terras, enfrenta monstros e mata inimigos, mas sob o ponto de vista dos vencidos, dos *Outros*. Quero me deter algumas linhas para

retomar a narrativa de Medusa e Perseu com esses outros olhos. Perseu é orgulhoso e fútil, Polidectes o sabia e usa da arrogância do jovem para enganá-lo e fazê-lo voluntariar-se a uma missão frívola e possivelmente fracassada: matar uma Górgona e trazer sua cabeça como presente de casamento. Vamos manter o seguinte em mente enquanto recapitulamos a história: Perseu deixa a sua terra e sua mãe, que não queria casar-se com o rei, invade territórios alheios, engana três mulheres cegas, se vinga de Atlas e mata uma mulher grávida vítima de estupro. Em resumo, comete o que consideraríamos hoje como atos criminosos e antiéticos para buscar um presente de casamento e cair nas graças do padrao. Perseu adentra a gruta em que três irmãs estão confinadas, reclusas e isoladas da sociedade pela eternidade. Medusa, que era uma jovem casta e dedicada ao templo de Atena, foi injustamente castigada por ter sofrido estupro e continuaria na gruta com as irmãs sem que representasse ameaça ou perigo a qualquer pessoa, a não ser a quem invadissem seu lar. Medusa é assassinada covardemente enquanto dormia, o assassino é assistido pela deusa que a transformou num monstro e sua cabeça decepada serviria de presente de casamento para o cruel Polidectes. Perseu, no entanto, a utiliza para transformar em pedra o rei e seus convidados e entrega a cabeça da Medusa à deusa Atena, que a utiliza em seu escudo como arma contra os inimigos.

Perseu é visto pela História como um herói, um vencedor, aquele que sobrepujou a Górgona e livrou o mundo dos poderes malignos que transformavam homens em pedras. Não podemos esquecer, todavia, que Perseu mata Medusa por interesses pessoais e individualistas e não como medida protetiva à sua comunidade, por segurança contra monstros e víboras. Perseu representa os valores positivos do heroísmo, da coragem, da aventura e da conquista de outros povos menos ambiciosos ou bélicos, o que corresponde muito bem aos valores patriarcais e colonizadores da Europa. Podemos perguntar junto com Hélène Cixous (1986), se o homem opera sob a ameaça da castração, de modo que a masculinidade é culturalmente organizada pelo complexo de castração, então pode ser dito que o movimento de reação de retorno para a mulher dessa ansiedade de castração é seu deslocamento em forma de execução da mulher, de decapitação. Perseu é a encarnação bem representada da mentalidade masculina e europeia de imperialismo e colonização e que é, para Beauvoir, a definição mesma de homem:

O homem pretende alcançar concretamente a existência através do mundo inteiro, apreendido de todas as maneiras possíveis. Amassar o barro, cavar um buraco são atividades tão originais como o amplexo, o coito: enganam-se os que veem nelas símbolos sexuais tão-somente; o buraco, o visgo, o entalhe, a dureza, a integridade são realidades primeiras; o interesse que o homem lhes vota não é ditado pela libido, mas

esta é que é colorida pela maneira por que elas se lhes descobriram. Não é porque simboliza a virgindade feminina que a integridade fascina o homem: é seu amor à integridade que torna preciosa a virgindade. O trabalho, a guerra, o jogo, a arte definem maneiras de ser no mundo e não se deixam reduzir a nenhuma outra; elas descobrem qualidades que interferem com as que revela a sexualidade; é, ao mesmo tempo através delas e através das experiências eróticas, que o indivíduo se escolhe. Mas só um ponto de vista ontológico permite restituir a unidade dessa escolha (BEAUVOIR, 1970, p. 67).

Existir, para o homem, é conquistar, destruir, vencer, possuir, o que por vezes acontece por meio do trabalho e por vezes por meio da guerra. Mesmo no caso das relações sexuais, não é um prazer subjetivo que o gozo masculino procura, é a conquista, o defloramento como posse e invasão de um *terreno* novo; o que o homem busca no ato sexual é vencer. Medusa, estuprada por Poseidon e decapitada por Perseu, é um dos exemplos, mas poderíamos citar outros vários da Antiguidade até os nossos dias. Diferentemente da mulher, o homem não é um ser dado, é uma ideia de realização para quem tudo é permitido porque seus mitos são mitos de ação, de dominação. Suas ações no mundo são manifestações da totalidade das possibilidades das infinitas maneiras de ser que lhes são permitidas, porque o homem não é reduzido a nenhuma maneira de ser previamente determinada por outrem que não ele.

Não estou afirmando, com isso, que não há sofrimentos para o homem neste mundo de machos; o que afirmo é que não há um mito do homem que não tenha sido criado por ele próprio. Beauvoir chama de *imperialismo da consciência humana* a relação original do homem com os outros indivíduos, o que explica o *modus operandi* de Perseu e a mentalidade colonialista europeia:

Se a relação original do homem com seus semelhantes fosse exclusivamente uma relação de amizade, não se explicaria nenhum tipo de escravidão: esse fenômeno é consequência do imperialismo da consciência humana que procura realizar objetivamente sua soberania. Se não houvesse nela a categoria original do Outro, e uma pretensão original ao domínio sobre o Outro, a descoberta da ferramenta de bronze não poderia ter acarretado a opressão da mulher. (BEAUVOIR, 1970, p. 77-78).

O triunfo do patriarcado, do machismo estrutural, do sistema colonialista não aconteceu nem casualmente, nem por revolução, tampouco como curso natural da História. Essa tríade opressora fixou-se inicialmente por privilégio biológico jamais abdicado; contudo, numa sociedade em que a caça e a guerra não são mais requisitos para

sobrevivência, é hora de abandonar a mentalidade de violência e subverter a categoria original do Outro perpetrada por meio dos mitos, tanto religiosos quanto filosóficos. O mito da Medusa encarna parte dos estereótipos relegados às mulheres: sedutora, perigosa, furtiva, assustadora, astuta, vingativa, impiedosa, etc. O mito da Medusa é o mito da mulher. Mitos construídos por uma simbologia da situação existencial que revelam da mesma maneira os sonhos, os desejos e os fantasmas dos seus autores, elaborados em discurso por uma realidade humana que se apreendia de determinada forma e apreendia a outra variedade de indivíduos como *absolutamente Outros*. Perseu é o Sujeito Absoluto; Medusa é o Outro. Perseu faz com Medusa o que o colonizador fez com os colonizados, o que o homem faz com a Natureza. Para Beauvoir, o homem procura na mulher o Outro como Natureza, mas a Natureza inspira no homem sentimentos ambivalentes e mesmo contraditórios:

Ele a [a Natureza] explora, mas ela o esmaga, ele nasce dela e morre nela; é a fonte de seu ser e o reino que ele submete à sua vontade; uma ganga material em que a alma se encontra presa, e é a realidade suprema; é a contingência e a ideia, a finitude e a totalidade; é o que se opõe ao Espírito e o próprio espírito. Ora aliada, ora inimiga, apresenta-se como o caos tenebroso de que surge a vida, como essa vida, e *como o além* para o qual tende: a mulher resume a natureza como Mãe, Esposa, e Ideia. Essas figuras ora se confundem e ora se opõem, e cada uma delas tem dupla face. (BEAUVOIR, 1970, p. 184).

Para além dos estereótipos já observados e bastante conhecidos advindos da cristalização da mulher nas figuras de mãe e esposa, o homem aparece como sujeito cognoscente e a mulher como objeto de conhecimento. Não é exagero afirmar que a ontologia dualista que separa radicalmente Natureza e Espírito, corpo e alma, razão e emoção, etc. fundamenta epistemologicamente o pensamento ocidental. A radicalidade dessas oposições não é neutra em termos de distinção e associação de gênero. Beauvoir demonstrou muito bem que a mulher acaba por ser identificada, nessa dicotomia, a tudo aquilo que deve ser superado, a tudo que está no horizonte do *Outro*: Natureza, corpo, emoção. E o homem, por sua vez, assume o lado superior do esquema: Espírito, alma, razão. A mulher é reduzida ao que era considerado, sobretudo de Platão a Descartes, como causa do erro, obstáculo para o conhecimento, limites para se alcançar a Verdade.

Medusa também sofre o que as mulheres dos dias de hoje continuam experimentando cotidianamente nesta sociedade que se mantém bastante patriarcal e machista. As representações convencionais da Medusa, sobretudo nas *social medias* e na cultura pop, não retratam o crime de estupro sofrido, a apresentam numa versão

hipersexualizada, sedutora e ameaçadora ao mesmo tempo, o que acaba por se tornar como que um convite à conquista e à posse masculina. A hipersexualização de uma figura vítima de estupro, reclusa e intocada, se soma a um complexo de posturas e crenças de incentivo ao assédio e à agressão sexual masculina contra as mulheres.

Numa sociedade de cultura do estupro, em que a violência é vista com apelo sexual porque demonstra o exercício de poder do macho sobre a fêmea, o perigo de invadir a gruta de Medusa e possuí-la, em razão do seu poder de transformar homens em pedra, pode ser um ingrediente de *emoção* que instiga a agressão. Nas décadas de 1970 e 1980, teóricas e pesquisadoras feministas, sobretudo estadunidenses, se esforçaram em demonstrar como a violência contra as mulheres, o assédio e o estupro não se assentam sobre a biologia e a fisiologia masculinas, pelo contrário, são resultados da cultura tolerante à violência física e emocional contra as mulheres. Peggy Reeves Sanday (1981, p. 25) afirma que “Contrariamente ao que alguns cientistas sociais assumem, homens não são animais cujo comportamento sexual é programado pelo instinto. Homens são seres humanos cuja sexualidade é biologicamente baseada e culturalmente estruturada”. Parece bastante evidente que a cultura do estupro está presente no Mito da Medusa e em outros mitos fundadores da cultura ocidental. Zeus estupra, engana e seduz mortais e deusas, o que indica uma compreensão de que a violência contra as mulheres é direito divino. Se todo homem é Perseu, por que não ser também Zeus e Poseidon?

O mesmo sistema que fomenta e banaliza o estupro e a violência contra a mulher continua operando e funcionando porque coloca as mulheres umas contra as outras incentivando a rivalidade feminina. Medusa é uma jovem virgem de belos e longos cabelos, reconhecida pela sua aparência alegre e elegante, serva e devota de Atena, atrai a atenção e o desejo de Poseidon que a estupra no templo de Palas. Atena não acolhe a vítima do estupro, não se volta contra o vilipendiador, ela pune injusta e severamente a jovem transformando a sua beleza em monstruosidade e seus olhos em armas mortais. A culpabilização da vítima e a rivalidade feminina são estratégias poderosas e cruéis desse sistema que faz das mulheres, ao mesmo tempo, vítimas e carrascas. Parte da punição da Górgona por despertar os desejos de Poseidon é a reclusão na caverna onde fora assassinada por Perseu. O isolamento social e a exclusão das vítimas de violência sexual são comuns e, às vezes, até mesmo provocados pelas mulheres. Várias pesquisas apontam o isolamento das vítimas de violência e a falta de empatia por outras mulheres como um fenômeno bastante comum. As mulheres internalizaram a ideia de que seu valor está fundamentado no desejo masculino e na atenção que os homens dispensam a elas, então, competem e rivalizam pelo desejo e pela atenção masculinos. Porque as mulheres nunca foram sujeitos

da história, não reconhecem-se mutuamente como iguais para formar uma comunidade. A empatia, a solidariedade e a *sororidade* não foram historicamente e culturalmente construídas. Infelizmente, é bastante comum que as vítimas de violência sexual se calem e se isolem do resto do mundo, por medo, por vergonha, por trauma. No contexto de cultura do estupro, que claramente faz parte da nossa civilização desde as épocas mitológicas até os dias de hoje, a continuidade e a presença de todos esses elementos evidenciam o arcaico do contemporâneo ou, se se preferir, o contemporâneo do arcaico na medida em que são reproduzidas as mesmas formas de opressão contra a mulher: culpabilização da vítima, rivalidade feminina, punição social da vítima de crime sexual, reclusão e exclusão das vítimas, silenciamento das vítimas, gravidez decorrente do estupro.

A misoginia explícita e implícita no Mito de Medusa sobreviveu ao longo da História e continuamos a reproduzir geração após geração os elementos de opressão presentes no mito. O arcaísmo da misoginia permanece contemporâneo. Os mitos, os contos de fadas, as histórias de ninar, são sempre sobre a supremacia e a soberania masculinas. Às mulheres cabe serem salvas pelos príncipes, dedicadas fadas-madrinhas, carinhosas figuras maternas e, na ausência de homens, as rainhas e as madrastas são maléficas e perigosas. Os mitos são essas estratégias que nos impedem de nos relacionarmos autenticamente com o que está diante de nós, seja a realidade concreta, seja um outro sujeito. Reconhecer na mulher um sujeito autônomo e livre na sua constituição, mas que precisa ainda libertar-se dos mitos que lhes foram impostos e adotados por ela na construção da sua subjetividade, é a etapa seguinte na valorização da riqueza da experiência humana e na relação entre os gêneros.

6 Conclusão ou Sobre como viver sem tragédia¹¹

Recusar a explicação do mundo e a definição dos sujeitos ofertadas pelos mitos e pelos arquétipos que a sociedade construiu a partir dessas primeiras e fabulosas justificações, não significa destruir completamente a simbologia e a fantasia das relações intersubjetivas e das relações entre os sexos, mas e sobretudo, é tanto permitir quanto requisitar que os sujeitos possam ser exatamente o que são. Em outras palavras, é oportunizar que as relações sejam assentadas em fundamentos verdadeiros e se desenrolem autenticamente. Desejar engendrar novos mitos¹² de poesia, filosofia, literatura e mesmo de religiões que

11 Título extraído de Beauvoir (1970, p. 309): “O que se deve esperar é que, por seu lado, os homens assumam sem reserva a situação que se vem criando; somente então a mulher poderá viver sem tragédia”.

12 “O fato de uma mulher exercer um ‘ofício viril’ e ser ao mesmo tempo desejável foi durante muito tempo

permitam a existência de uma realidade feminina em sua verdade deve ser o sentimento tanto de homens quanto de mulheres.

Para Beauvoir, a tragédia, a disputa, não cessará enquanto homens e mulheres não se reconhecerem como semelhantes e isso não acontecerá enquanto o Mito da mulher for vigente como tal, perpetuando-se pelas ideias de docilidade, feminilidade, passividade, sedução, etc. porque, como vimos, ele encerra a mulher na imanência e a impede de colocar projetos para, livremente, transcendê-la e realizar-se como Sujeito e ser autônomo. É importante observar que esse processo exige a participação tanto dos homens quanto das mulheres, mas isso não é tarefa fácil porque a alienação de gênero, o sistema patriarcal, o machismo, a cultura do estupro, são todos elementos de um mesmo conjunto de concepções, regras e normas, que vitimizam todos os sexos e gêneros. Para Beauvoir, todos somos vítimas e cúmplices:

A opressão explica-se pela tendência do existente para fugir de si, alienando-se no outro, que ele oprime para tal fim; hoje essa tendência se encontra em cada homem singular: e a imensa maioria a ela cede; o marido procura-se em sua esposa, o amante em sua amante sob a figura de uma estátua de pedra; ele visa nela o mito de sua virilidade, de sua soberania, de sua realidade imediata. Mas ele próprio é escravo de seu duplo; que trabalho para edificar uma imagem dentro da qual ele se encontre sempre em perigo! Ela funda-se apesar de tudo na caprichosa liberdade das mulheres, que é preciso sem cessar tornar propícia; o homem é corroído pela preocupação de se mostrar macho, importante, superior; representa comédias, a fim de que lhe representem outras; é também agressivo, inquieto; tem hostilidade contra as mulheres porque tem medo delas, porque tem medo do personagem com quem se confunde. Quanto tempo e forças desperdiça para liquidar, sublimar, transferir complexos, falando das mulheres, seduzindo-as, temendo-as! Libertá-lo-iam, libertando-as. Mas é precisamente o que receia. Obstina-se nas mistificações destinadas a manter a mulher acorrentada (BEAUVOIR, 1967, p. 489).

É preciso dar o primeiro passo no reconhecimento de que a cultura na qual vivemos é alienada pelas noções estereotipadas e míticas acerca dos gêneros. Aqueles que reconhecem a alienação do seu gênero e desejam superá-la e suplantar o sistema de alienação para erradicar de vez o problema, farão isso por meio de instrumentos também alienados. Tomar consciência da alienação de gênero na qual vivemos não é nada mais

um tema de piadas mais ou menos livres. Pouco a pouco, o escândalo e a ironia se embotaram e parece que nova forma de erotismo está nascendo: talvez venha a engendrar novos mitos” (BEAUVOIR, 1970, p. 308).

que procurar desviar o curso da própria alienação e cegueira, porém, o esforço e a luta que serão empreendidos a partir daí serão engendrados numa luta de si contra si, do pensamento contra os instrumentos regulares e dos instrumentos sociais. É preciso tentar modificar a figura do mundo utilizando os meios disponíveis para engendrar novos mitos correspondentes ao mundo que desejamos criar, um mundo onde as mulheres possam viver sem tragédias. A contradição reside no fato de que é justamente quando tentamos combater a sociedade patriarcal e sexista que a fazemos existir na sua misoginia e nós, mulheres, nos experimentamos pelos instrumentos da opressão machista. Essa contradição é ela própria o seu contexto e a estrutura fundamental que permitirá qualquer mudança.

Sabemos que, depois de superados os mitos da alienação de gênero, não serão abolidas as contradições e as ambiguidades próprias da condição humana. Não se trata disso, mas de oferecer os meios reais para uma parcela da população superar as contingências da sua condição de *Outro*. A situação de opressão na qual a mulher vive resulta das determinações contingentes que a transformaram no segundo sexo, que fizeram da mulher um mito. Segundo Beauvoir, “[...] as singularidades que a especificam tiram sua importância da significação de que se revestem; poderão ser superadas desde que as apreendam dentro de perspectivas novas [...]” (BEAUVOIR, 1967, p. 496). Nesse contexto de apreender sob novas perspectivas as singularidades que especificam as mulheres, propus a presente interpretação do mito da mulher como mito da Medusa com a intenção de alertar para que se evite a repetição das antigas tragédias. Libertar a mulher dos mitos não é negar as relações que ela estabelece com os outros sujeitos, mas permitir que ela exista também como sujeito e senhora de si. Se os sujeitos reconhecem-se mutuamente e reciprocamente como iguais, as relações intersubjetivas acontecerão de maneira livre, respeitosa e autêntica. Impossível imaginar motivos e justificativas livres de hipocrisia e maldade para não nos permitirem alcançar essa suprema vitória¹³.

Referências

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Fatos e mitos. 4. ed. Tradução: Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

13 Parafrazeio o bellissimo texto de Beauvoir porque justamente *não há como dizer melhor*: “Não há como dizer melhor. É dentro de um mundo dado que cabe ao homem fazer triunfar o reino da liberdade; para alcançar essa suprema vitória é, entre outras coisas, necessário que, para além de suas diferenciações naturais, homens e mulheres afirmem sem equívoco sua fraternidade” (BEAUVOIR, 1967, p. 500).

_____. **O segundo sexo**. A experiência vivida. 2. ed. Tradução: Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

CIXOUS, H.; CLÉMENT, C. **The newly born woman**. Tradução: Betsy Wing. Minneapolis. London: University of Minnesota Press, 1986.

FREUD, S. A cabeça de Medusa. Tradução: Ernani Chaves. **Clínica & Cultura**, v. II, n. II, p. 91-93, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://seer.ufs.br/index.php/clinicaecultura/article/download/1938/1698>>, acesso em: 30. set. 2020.

HAMILTON, E. **Mythology**. Boston: Little, Brown & Company, 1940.

HESÍODO. **Teogonia**. A origem dos deuses. Tradução: Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2009.

HILGERT, L. H. O feminismo é um humanismo: estamos ainda na era do humanismo?. **Ipseitas**, v. 5, n. 2, p. 56-66, jul-dez. 2019. Disponível em: <<http://www.revistaipeitas.ufscar.br/index.php/ipseitas/article/view/379>>. Acesso em: 12 out. 2020.

IPSEITAS – REVISTA DA PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA. São Carlos: UFSCAR, v.5, n.2, jul-dez. 2019. ISSN (online) 2359-5140. Disponível em: <<http://www.revistaipeitas.ufscar.br/index.php/ipseitas/issue/view/14>>. Acesso em: 12/10/2020.

JOHNSTON, E. The Original ‘Nasty Woman’. **The Atlantic**, 6 nov. 2016. Disponível em: <<https://www.theatlantic.com/entertainment/archive/2016/11/the-original-nasty-woman-of-classical-myth/506591/>> Acesso em 10/08/2020.

KAROGLOU, K. Dangerous beauty. Medusa in Classical Art. **The Metropolitan Museum of Art Bulletin**, New York, v. 75, n. 3, Winter, 2018. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/metpublications/Dangerous_Beauty_Medusa_in_Classical_Art_The_Metropolitan_Museum_of_Art_Bulletin_v75_no_3>. Acesso em: 10/08/2020.

PLATÃO. **Timeu-Crítias**. Tradução: Rodolfo Lopes. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2010.

SANDAY, P. R. The Socio-Cultural Context of Rape: A Cross-Cultural Study. **Journal of Social Issues**, v. 37, n. 4, p. 5-27.

WILK, S. R. **Medusa**: Solving the mystery of the Gorgon. Oxford: Oxford University Press, 2000.